

Primeiros resultados

- 8 MAI 1994

TASSO JEREISSATI

Invariavelmente, toda semana os jornais estampam manchetes alarmantes sobre a inflação em URV, afirmando que ela já teria atingido de 1% a 15% em determinado período — seja de uma semana ou de um mês. Sendo a URV uma média ponderada dos três principais índices de preços do país é tecnicamente impossível que a “inflação em URV” atinja percentuais tão elevados.

Esta alegada inflação em URV decorre da comparação de alguns itens que compõem os índices de preços com a URV. Como a taxa de inflação é uma média, sempre haverá bens cujos preços cresceram acima dessa média da mesma forma que sempre haverá casos em que os preços ficaram abaixo.

Assim também seria possível selecionar uma cesta de bens que gerasse uma deflação em URV bastante significativa. Há que se lembrar que todo índice de preços ao consumidor é medido a partir da variação de preços de uma cesta de bens, cujos componentes são apontados a partir de pesquisas domiciliares sobre como é gasto o orçamento familiar, sem o critério da essencialidade, mas o da preferência.

Além disso, como cada um dos três índices de preços que compõem a URV têm metodologia de cálculo distinta, os índices mostram diferenças naturais em relação à URV, gerando inflação ou deflação.

Porém, mais importante que esta discussão técnica sobre médias é avaliar qual seria a inflação na nova moeda, o real, a partir dos resultados obtidos até o momento.

Essa projeção poderia ser feita utilizando-se a taxa de aceleração da própria inflação, que seria uma aproximação da “inflação em URV”. A evolução dos índices de pre-

ços no último ano, quando se registrou um aumento de cerca de 30% ao mês para 43%, mostra uma aceleração mensal de cerca de 1,5%. Em termos atuais, isto geraria uma inflação anual de 20% — excelente resultado!

Mas as notícias são ainda melhores com os resultados dos últimos dois meses após a implantação da URV — as projeções para a inflação anual são ainda mais animadoras.

Comparando-se a URV com os principais índices de preços do país, e não com seus próprios componentes — o que provocaria uma clara distorção do resultado apontado para um saldo ainda mais favorável — obtém-se uma inflação em 12 meses de cerca de 10% para a Fipe — o índice de preços da cidade de São Paulo. No caso do IGPM, este percentual reduz-se para 3% e para o índice de preços nacional, o IPCA, chega-se a obter pequena deflação.

Em março, os índices da inflação foram: 41,94 (Fipe); 42,75 (IPCA); 45,71 (IGPM); 43,26 (URV).

Em abril: 46,22 (Fipe); 42,95 (IPCA); 40,91 (IGPM); 42,60 (URV).

E a inflação em URV em 12 meses:

Fipe... 9,95

IPCA... (-) 0,77%

IGPM... 3,06%

As perspectivas, portanto, são alentadoras, mas como no Brasil o que há de negativo sempre se sobrepõe às avaliações positivas, absurdos sobre “inflação em URV” aparecem da pena de analistas os mais categorizados. Que se façam avaliações políticas com base no “ouviu dizer”, não é certo, mas dá para engolir — mas fazer projeções de inflação, algo que desperta a sanha de especuladores inescrupulosos e prejudica todo um programa de estabilização da economia, é um pouco demais.

Tasso Jereissati é presidente nacional do PSDB.